

Escrita em deslocamento: memória, ritual e experiência diaspórica na poética de

Lúcia Aizim

Writing in displacement: memory, ritual, and diasporic experience in the poetics of

Lúcia Aizim

Rodrigo Felipe Veloso¹

Resumo: Este artigo investiga a presença da tradição judaica e da experiência migrante na poética de Lúcia Aizim, com foco na construção de uma escrita marcada pelo deslocamento, pela errância e pela condição diaspórica do sujeito lírico. A partir da análise da obra *Alma pastora das coisas* (1974), examina-se como a poeta elabora a figura do estrangeiro exilado, desterrado de sua origem por circunstâncias históricas e existenciais adversas, e situado em uma zona liminar entre o pertencimento e a exclusão. Nesse sentido, a poesia de Aizim revela uma identidade heterogênea e fragmentada, constituída na tensão entre memória ancestral, experiência migrante e reinscrição simbólica no espaço brasileiro. O estudo compreende a escrita poética como espaço de mobilidade transcultural, no qual elementos da tradição judaica, como o rito, a memória coletiva e a experiência do exílio, dialogam com imagens, paisagens e afetos do cotidiano brasileiro. Conforme assinala Berta Waldman, a singularidade da poética de Aizim reside justamente na articulação entre herança cultural judaica e referências tropicais, produzindo uma linguagem que ressignifica o lugar do estrangeiro no contexto nacional e desloca fronteiras identitárias fixas. Amparado teoricamente em contribuições de Berta Waldman (2016; 2019), Seligmann-Silva (2007) e Arnold Van Gennep (2011), entre outros, o artigo analisa o cotidiano e o ritual como dispositivos simbólicos que estruturam a memória diaspórica e a experiência de errância. Assim, a poesia de Lúcia Aizim configura-se como uma escrita de resistência e reinvenção, na qual o deslocamento não se apresenta apenas como perda, mas como força criadora e forma de reexistência no campo literário brasileiro.

Palavras-chave: Literatura judaico-brasileira; Lúcia Aizim; Ritos de margem; Memória; Identidade.

Abstract: This article investigates the presence of Jewish tradition and migrant experience in the poetics of Lúcia Aizim, focusing on the construction of a writing marked by

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Membro permanente do Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ - UFMG), do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLUS - UEPB), sobre a diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil (UNIMONTES) e no projeto de extensão Resgatando a dignidade e a liberdade por meio da leitura (UNIMONTES). E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

displacement, wandering, and the diasporic condition of the lyrical subject. Based on an analysis of the work *Alma pastora das coisas* (1974), it examines how the poet elaborates the figure of the exiled foreigner, banished from their origin by adverse historical and existential circumstances, and situated in a liminal zone between belonging and exclusion. In this sense, Aizim's poetry reveals a heterogeneous and fragmented identity, constituted in the tension between ancestral memory, migrant experience, and symbolic reinscription in Brazilian space. The study understands poetic writing as a space of transcultural mobility, in which elements of Jewish tradition, such as rite, collective memory, and the experience of exile, dialogue with images, landscapes, and affects of Brazilian daily life. As Berta Waldman points out, the uniqueness of Aizim's poetics lies precisely in the articulation between Jewish cultural heritage and tropical references, producing a language that redefines the place of the foreigner in the national context and shifts fixed identity boundaries. Theoretically supported by contributions from Berta Waldman (2016; 2019), Seligmann-Silva (2007), and Arnold Van Gennep (2011), among others, this article analyzes the everyday and ritual as symbolic devices that structure diasporic memory and the experience of wandering. Thus, Lúcia Aizim's poetry is configured as a writing of resistance and reinvention, in which displacement is presented not only as loss, but as a creative force and a form of re-existence in the Brazilian literary field.

Keywords: Brazilian Jewish Literature; Lúcia Aizim; Marginal Rites; Memory; Identity.

Há a lenda, o salmo, a luz das velas

Há sempre algo que me prenda.

(Lúcia Aizim)

*O exílio vincula-se, por interação, ao largo
espectro dos males da ausência. Vinculados à ideia
de perda e desarraigamentos.*

(Maria José de Queiroz)

*A necessidade da sobrevivência impõe aos
narradores, artistas e historiadores, uma forma
de trazer à tona e reconstruir um arquivo a partir
de uma memória esparsa, das cinzas.*

(Lyslei Nascimento)

1 Introdução

Lúcia Aizim configura-se como uma das vozes mais expressivas da poesia e da prosa da literatura brasileira de expressão judaica, inscrevendo sua escrita no cruzamento entre diáspora, memória e reinvenção identitária. Seu livro de estreia, *Alma pastora das coisas* (1974), inaugura uma poética marcada pela experiência do deslocamento e pela elaboração simbólica do exílio. Nascida em Kryzhopol, na então Rússia (atual Ucrânia), em 4 de julho de 1915, Aizim chega ao Brasil ainda na infância, aos cinco anos de idade, trazendo consigo uma herança cultural atravessada pela ruptura territorial e pela condição migrante. Embora seu talento literário não tenha sido inicialmente reconhecido no âmbito familiar, é a partir da década de 1960, especialmente com seu ingresso no curso de Letras da Faculdade Nacional, que a autora passa a desenvolver de modo sistemático sua produção artística. Nesse percurso, destaca-se o incentivo intelectual de escritoras como Bella Josef, Nélida Piñon, Henriqueta Lisboa e Stella Leonardos, cujas interlocuções contribuem para o amadurecimento de sua escrita.

A poética de Aizim articula lirismo, memória e cotidiano, instaurando um discurso que conjuga cadência verbal e densidade imagética. No plano da expressão, sua escrita evoca procedimentos que remetem às cantigas de amigo e ao ornamento medieval das iluminuras, como se o texto fosse simultaneamente palavra e imagem. Tal composição sugere uma poética visual e simbólica, na qual signos, letras e representações figurativas se entrelaçam em manuscritos iluminados que conferem às páginas um refinamento estético singular. Trata-se de uma escrita que “pinta” o mundo por meio da linguagem, iluminando-se aos olhos do leitor e reinscrevendo o gesto poético como ritual de memória.

No âmbito mais amplo da literatura brasileira de expressão judaica, particularmente nos contos, poemas e romances produzidos ao longo do século XXI, observa-se com frequência o encontro tenso e produtivo entre a tradição judaica e a cultura brasileira. Temas como assimilação e pertencimento, exclusão e exílio, memória e reinvenção atravessam essas narrativas, que frequentemente tematizam as dificuldades, idealizações, nostalgias e ambivalências decorrentes da experiência migrante. Tais vivências podem ser compreendidas à luz dos ritos de passagem, nos termos de Arnold Van Gennep, uma vez que o sujeito deslocado se encontra em uma condição liminar, situada entre a ruptura com a origem e a busca por uma nova forma de agregação social e simbólica. Esse estado de interestrutura representa uma experiência de individualidade marcada pelo isolamento relativo e pela autonomia frente ao grupo, evidenciando uma identidade em trânsito.

O universo assim configurado revela-se instável e não permanente: um território de confronto cultural e de tentativas de síntese, no qual a superação das polaridades nem sempre se concretiza plenamente. Os ritos de passagem emergem, nesse contexto, como expressão do movimento constante entre o ir e o permanecer, entre dois mundos que se interpenetram. Trata-se de uma identidade em transformação contínua, que pode ser pensada à luz do que Seligmann-Silva (2007) denomina de uma literatura “extremamente marginal” no contexto brasileiro ao tratar da Shoah, mas cuja existência, ainda que minoritária, é fundamental para compreender os modos de inscrição da memória traumática no campo literário nacional.

Diante desse quadro, torna-se imprescindível investigar como se constitui a literatura brasileira de expressão judaica nesse espaço de marginalidade simbólica, sobretudo por meio de uma análise crítico-textual que privilegie as estratégias de construção da memória. Questiona-se, assim, se a literatura da Shoah pode ser compreendida como uma forma ritual; se o sujeito em exílio ocupa, de fato, um lugar de margem e liminaridade no processo ritualístico; e se, ao aproximar arte e existência, emergem estratégias de enunciação que, sobretudo na escrita feminina, desestabilizam discursos hegemônicos. Nesse sentido, a figura do feminino atua como força (des)construtora do ser e do estar no mundo, transformando a narrativa em um espaço de reinscrição simbólica. Quando a literatura assume tal configuração, a história narrada apresenta-se como ritual ligado à memória, no qual a experiência é constantemente reatualizada como se fosse vivida pela primeira vez. Conforme assinala Van Gennep (2011), o rito “sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar”.

É nesse horizonte teórico que este artigo analisa os poemas de Lúcia Aizim reunidos em *Alma pastora das coisas*, focalizando as temáticas da singularidade, da brasilidade e da condição do estrangeiro exilado em território brasileiro. A investigação fundamenta-se nos aportes críticos de Berta Waldman (2016; 2019), Seligmann-Silva (2007) e Arnold Van Gennep (2011), entre outros, com vistas a compreender como a poética de Aizim elabora uma estética da errância e da memória ritual.

2 Modos de vida e existência na poética de Lúcia Aizim

Ao compor *Alma pastora das coisas* (1974), Lúcia Aizim concebe a poesia como linguagem do mundo, transformando em palavras experiências atravessadas por temas universais, vida, morte, amor, natureza, sem dissociá-los da condição histórica e existencial do sujeito migrante. Adentrar sua poética implica percorrer um espaço de sombras e ecos, no qual vozes do passado emergem como ressonâncias de uma memória marcada pela violência histórica. Trata-se de um movimento de busca por abrigo simbólico, conforme observa Berta Waldman (2019) ao analisar a escrita dos sobreviventes do Holocausto.

A memória, nesse contexto, não se opõe ao esquecimento, mas se constrói na tensão entre supressão e preservação do vivido. Como afirma Waldman (2019), ela é seletiva, lacunar e descontínua, organizada como um artefato narrativo que preserva vazios e silêncios. A poesia de Aizim nasce desse espaço liminar da memória, funcionando como ritual que abriga sofrimento, perda e desejo de retorno à gênese. Tal ritualidade articula lembrança e esquecimento como paradoxos constitutivos da experiência judaica diaspórica, marcada pela peregrinação contínua.

Em *Alma pastora das coisas*, a metalinguagem associa o fazer poético à condição do judeu em diáspora, evidenciando a tensão entre o desejo de produzir uma escrita significativa e o desafio existencial de não se sentir estrangeiro em nenhum lugar. Essa duplicidade confere à obra uma dimensão contemplativa, na qual o ato de escrever dialoga com a transitoriedade do mundo e com a instabilidade identitária do sujeito migrante.

Bella Josef (1974), no prefácio da obra, observa que a poética de Aizim penetra em uma dimensão metafísica, na qual as coisas são vistas pela recordação, não como passado estático, mas como experiência vivida. A poesia, nesse sentido, não se limita à denúncia, mas anuncia uma vitalidade que resiste ao apagamento histórico.

O fazer poético de Aizim (re)une elementos dispersos do mundo, projetando a imagem do judeu exilado e refletindo sua própria ritualidade de vida. A palavra “alma” emerge como núcleo simbólico dessa identidade em trânsito, associada à vida, ao ser e à criação. Os poemas constroem uma cartografia afetiva na qual títulos, imagens e metáforas delineiam uma narrativa de gestação identitária e busca por pertencimento.

A volatilidade da poética de Aizim reflete a condição do sujeito que inventa novas geografias existenciais. O espaço imaginário criado em poemas como “Volátil” remete a um lugar onírico de harmonia, dialogando com uma pastoralidade ressignificada, em que o amor e o desejo de plenitude se impõem como forças estruturantes.

A presença do elemento “pastora” no título da obra articula-se a uma simbologia que aproxima natureza, espiritualidade e sobrevivência, sem se vincular rigidamente a uma escola literária específica. Em poemas como “Pastoral”, a alma vagueia em busca de si mesma, instaurando uma reflexão sobre o tempo, a eternidade e o mistério da existência. Elementos naturais funcionam como operadores simbólicos da travessia do sujeito, reforçando sua condição liminar no processo ritual da vida.

Nesse sentido, Waldman (2016) identifica na poética de Aizim uma brasilidade que se constrói a partir do diálogo entre o modelo bíblico do Cântico dos Cânticos e a paisagem tropical, na qual o estrangeiro se transforma em palavra. Tal operação não se limita a uma simples justaposição de referências culturais, mas institui um processo de transculturação simbólica em que a tradição hebraica é reinscrita no espaço brasileiro, transferindo sentidos e fundando novas possibilidades identitárias. A memória ritual que atravessa a obra revela o estado de desterritorialização do sujeito, que anseia por um “lar” cuja localização permanece indeterminada.

Esse “lar” não corresponde a um espaço geográfico estável, mas a uma instância simbólica continuamente reconstruída pela linguagem poética. A palavra, nesse contexto, assume função performativa: ela não apenas rememora a origem perdida, mas a recria no interior de uma paisagem outra, tropical e híbrida, transformando o exílio em gesto fundador.

Conforme ainda observa Waldman, se em outros poemas Aizim recorre a formas marcadamente luso-brasileiras para tematizar o desterro judaico, nesse movimento inverso a poeta apropria-se do tom e do léxico do poema hebraico para retornar ao Jardim do Éden, reinscrevendo-o no Rio de Janeiro. Ao invés de reiterar a expulsão e a condenação à errância, em alguns de seus poemas delega aos estrangeiros a tarefa de edificar a nova pátria. Essa inversão simbólica é altamente significativa: a errância deixa de ser apenas punição histórica e converte-se em possibilidade criadora.

O mito bíblico, assim, é reconfigurado sob o signo da migração moderna, em que a transição não implica exclusivamente perda, mas abertura para novas formas de pertencimento. Ao fundir o texto bíblico com a paisagem tropical, povoada por macacos, antas e onças, e ao evocar, por exemplo, a “Carta de Pero Vaz de Caminha” e os relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII, Aizim inscreve sua poesia na tradição fundacional brasileira, porém a interpela ao inserir nela a memória diaspórica judaica. O Éden, nesse caso, não é apenas origem, mas recomeço em solo estrangeiro.

Essa ambivalência produz a coexistência de anseios conflitantes na poesia de Aizim. De um lado, o legado do judaísmo, diáspora, religião, memória ancestral, funciona como matriz ritual e simbólica; de outro, a cultura local indaga o sujeito, oferecendo-lhe novas formas de sensibilidade e de inserção no mundo. O resultado não é assimilação plena nem isolamento identitário, mas um estado de permanente negociação.

A busca de sentido, que Waldman identifica como força motriz da aventura poética, constitui-se menos como resolução de um conflito e mais como prática contínua de elaboração da própria migração. A perseguição desse sentido, longe de ser meio para alcançar uma síntese estável, torna-se o próprio fim do projeto poético: escrever é manter viva a tensão entre memória e presente, entre herança e reinvenção. Sendo assim, a poesia de Aizim configura-se como espaço liminar em que exílio e pertencimento coexistem, transformando a errância em princípio estruturador de uma identidade em constante movimento.

3 A experiência do sujeito marginal e o ritual da memória

Os ritos de margem, conforme argumenta Arnold Van Gennep (2011), constituem momentos fundamentais de transição entre estados sociais e simbólicos. Aplicados à literatura da Shoah e à experiência do exílio, esses ritos configuram espaços de reflexão, criação e reinvenção identitária. A escrita de Aizim, ao articular vestígios da tradição judaica e a experiência brasileira, constrói um discurso de emancipação simbólica, no qual a migração deixa de ser apenas perda e passa a ser também força criadora.

Conforme argumenta Edward Said,

O exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir caminhos prescritos. Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único (Said, 2005, p. 69).

Desse modo, a figura do judeu marginal inscreve-se em uma problemática constitutiva marcada pela convivência tensa entre dois mundos. De um lado, emergem sentimentos de perda, fratura e conflito resultantes do choque entre grupos sociais distintos

em termos étnicos, culturais e históricos; de outro, o sujeito judeu diaspórico busca estratégias de adaptação e sobrevivência em contextos nos quais operam relações assimétricas de poder. Essa condição não se resolve por assimilação plena, mas se estrutura como experiência contínua de liminaridade, atravessada pela ambivalência identitária.

Conforme observa Jacó Guinsburg (1967, p. 14), “o homem marginal é aquele a quem o destino condenou a viver entre dois mundos, em duas sociedades ao mesmo tempo, e a formar-se sob a influência de tradições e culturas diversas”. Nessa perspectiva, o judeu marginal configura-se como sujeito paradoxal, cujas atitudes e afetos oscilam entre pertencimento e exclusão. A tensão que o atravessa não é apenas social, mas também simbólica e existencial, produzindo um estado permanente de inquietação e instabilidade. Essa representação ganha contornos literários no universo de Aizim, cuja obra retrata o conflito entre memória traumática e busca por reintegração simbólica.

Para Rodrigo Veloso (2025), a poesia de Aizim delineia o cenário da travessia do indivíduo sem pátria, cuja condição de desterrado o impele a partir em direção ao desconhecido. Contudo, essa travessia não se restringe ao deslocamento geográfico ou histórico; ela se configura, sobretudo, como experiência liminar que atravessa o interior do sujeito. A liminaridade, nesse sentido, manifesta-se como estado permanente de transição, no qual o eu-lírico habita simultaneamente o passado e o presente, a memória e o porvir, a origem e o exílio. O percurso migratório converte-se, assim, em metáfora existencial: o sujeito deslocado não apenas atravessa territórios físicos, mas enfrenta zonas de indeterminação identitária que o obrigam a reelaborar continuamente sua pertença.

Essa dualidade, associada à figura do judeu em peregrinação, remete à longa tradição do exílio como marca histórica e simbólica. O estigma do errante, herdado de narrativas bíblicas e reforçado pela experiência diaspórica moderna, inscreve-se na subjetividade como memória coletiva que molda a percepção de si e do mundo. Em Aizim, essa herança não aparece como repetição passiva de um destino trágico, mas como interpelação produtiva entre perda e reinvenção. O sujeito poético assume a errância não apenas como condenação, mas como condição constitutiva de sua identidade, transformando o exílio em espaço de reflexão e criação.

Sob esse prisma, a travessia descrita por Veloso (2025) pode ser compreendida como experiência de fronteira: o desterrado encontra-se entre culturas, entre idiomas, entre temporalidades, e é justamente nessa interseção que se constrói sua voz. A peregrinação judaica, mais do que deslocamento físico, converte-se em dispositivo ritual que sustenta

uma preservação da memória e uma estética da incompletude. O exilado, marcado pela ausência de pátria-raiz, passa a habitar a linguagem como território possível. Para tanto, a liminaridade interior e exterior não configura apenas ruptura, mas também força criadora, pois é no intervalo, no entre-lugar, que a poesia de Aizim encontra sua força e singularidade.

O exílio e a diáspora, conforme Zilá Bernd (2010, p. 18), articulam-se como “várias possibilidades de deslocamento em que comunidades étnicas são compelidas ao trânsito, aos processos muitas vezes traumáticos de emigração/imigração”. De modo complementar, Maria José de Queiroz (1998, p. 20) observa que “o exílio vincula-se, por interação, ao largo espectro dos males da ausência. Vinculados à ideia de perda e desarraigamento”. Nesse sentido, a literatura de Aizim atua como um espaço de mediação interpretativa, permitindo deslocar o olhar para margens e bordas culturais, em consonância com Ricardo Pligia (2001), que enfatiza a construção de horizontes híbridos e interculturais decorrentes do encontro com o Outro.

No percurso discursivo de *Alma pastora das coisas*, a imagem do judeu em condição liminar e marginal é acionada por meio de cenas de forte impacto imagético, que evocam a memória traumática da guerra e da perseguição. O fragmento “Sobre os telhados, oculta/ espreitando a mesa, em breve/ a bomba há de explodir. Será/ num sábado? no verão?/ Ela não me pertence, tampouco/ pelas estradas – as crianças/ esqueléticas, mortas” (Aizim, 1974, p. 27) condensa uma atmosfera de ameaça iminente e violência cotidiana. A referência ao sábado intensifica a dimensão simbólica da cena, pois remete à ruptura do tempo sagrado judaico, violado pela barbárie histórica.

Essa paisagem devastada se amplia em imagens de degradação total: “Há estrelas de aço mastigando/ toda a terra. Toda. Os roseirais todos./ Luta-se à porta. Invisíveis os homens/ a cada instante, caem” (Aizim, 1974, p. 27). O léxico metálico e bélico (“estrelas de aço”, “mastigando”) sublinha a mecanização da morte e a desumanização dos corpos, remetendo diretamente à experiência da Shoah e à aniquilação sistemática da vida judaica. O verbo “cair” reaparece como marca da queda irreversível, da morte sem retorno.

Nesse cenário, o sujeito poético se reconhece “desarmado”, condição que ultrapassa a ausência de armas físicas e alcança a impotência ética e simbólica diante da violência histórica. A poesia, ainda que concebida como potência expressiva, revela seus limites frente ao extermínio: “Estou desarmada,/ nenhuma faca me acompanha./ Perdoai” (Aizim, 1974, p. 27). O pedido de perdão explicita a consciência da insuficiência da linguagem,

instaurando uma ética da fragilidade que reconhece a paralisia do gesto poético diante do horror.

Entretanto, o canto da poetisa não se encerra na imobilidade. Ele ressoa entre dois tempos e dois mundos: um passado marcado pela dor e um presente que, apesar de ferido, ainda abriga a possibilidade do (re)nascimento. “Que estima pode haver entre/ meu coração e o rochedo?/ Flor dos mortos. Tão pesada” (Aizim, 1974, p. 28) traduz a tensão entre sensibilidade e rigidez, entre vida pulsante e memória petrificada. Nesse contexto, a poeta assume também a figura da tecedeira, aquela que, mesmo em meio aos escombros, recompõe a vida fio a fio: “Mas aquela que morria/ teia a teia se tecendo [...] logo outro renascia” (Aizim, 1974, p. 29). O gesto de tecer representa a reconstrução da existência após a catástrofe, inscrevendo a memória como prática de resistência.

Diversos símbolos estruturam esse luto ritualizado. A lágrima, recorrente na obra, assume valor de passagem e testemunho. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2001), ela simboliza dor e intercessão, e em Aizim se manifesta como marca da desertificação interior: “Quando a última lágrima caiu/ endurecida – um deserto/ afundou entre seus olhos” (Aizim, 1974, p. 32). Em “Lago Amargo”, a repetição do verbo “cair” intensifica a ideia de esgotamento e permanência do sofrimento: “de lágrimas/ que tinham/ caído/ caído/ caído/ de meus olhos” (Aizim, 1974, p. 43).

Mesmo nos poemas em que se anuncia certa serenidade, como em “Céu coral e ouro”, o eu-lírico reconhece sua condição residual: “serei talvez apenas a sombra/ de uma grande lágrima que caiu” (Aizim, 1974, p. 64). A lágrima, assim, articula o plano individual e coletivo, ligando a experiência íntima ao trauma histórico compartilhado.

Outro símbolo central é o pássaro, metáfora recorrente da libertação e da alma em trânsito. Em “Cantiga de muito pesar”, a multiplicação dos caminhos evidencia a errância constitutiva do sujeito diaspórico: “Havia um caminho. Pelo/ caminho outro caminho./ Mais outro” (Aizim, 1974, p. 42). O pássaro cantando atrás da casa sugere a promessa de abrigo e transcendência, ainda que jamais plenamente alcançada. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2001), o pássaro representa a alma liberta do corpo, imagem que se intensifica em “A ilusória paisagem”, onde a beleza aparente convive com a brutalidade da morte: “A cabeça decepada do homem atrás/ do muro” (Aizim, 1974, p. 45).

Cinco andorinhas girando no ar.
A cabeça decepada do homem atrás

do muro.
 A paisagem azul.
 Tudo é apenas aparência.
 Há outra paisagem mais real
 – aquela que pulsa selvagem
 e humana e está sem que se vê
 desesperadamente diante de nós (Aizim, 1974, p. 45).

O pássaro simboliza a força e a vida e é amiúde a imagem da luta entre a vida e a morte. A ilusão diante da visão da paisagem presente no poema condiciona o eu-lírico a destacar a concepção da alma-pássaro que percorre os horizontes e capta a essência da vida, ou seja, a efemeridade e transformação cotidiana. Na tradição africana dos iacutos “depois da morte, os bons e os maus sobem ao céu, onde suas almas tomam a forma de pássaros. Provavelmente as almas-pássaros pousam sobre os ramos da Árvore do mundo, imagem mítica, quase universal” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 686).

Nesse sentido, o tema da morte, presente em “A noite, essa pesada chave”, concentra o peso da melancolia e da finitude. Elementos como a flor murcha, os jornais acumulados e a poeira reiteram o tempo que passa sem apagar a memória da violência. A poeira, símbolo bíblico da criação e da finitude humana (Chevalier; Gheerbrant, 2001), reforça o vínculo entre origem, morte e sobrevivência histórica.

O céu se apagou.
 Estrelas pequeninas fulgiram
 na pretidão mansa, espaçada.
 Passarinhos saudaram a noite
 com seu breve canto. As flores
 murcharam dentro do jarro.
 O quarto se encheu de jornais.
 Sobre a fina poeira pousou
 Mais uma camada de poeira.
 Meu coração guarda
 um sei lá que de amargura
 que vai ficando um pouco mais
 espessa ao fim do dia (Aizim, 1974, p. 61).

Toda a cena poética acontece no período noturno que concebe o poder do mistério e da metamorfose das coisas em terra, entretanto, as coisas não se transformam naturalmente, pelo contrário, elas têm finitude, duração, a exemplo da “flor murcha” que exprime o curso regular do tempo e as idades cosmogônicas e representam também as almas dos mortos. Por isso, o canto do pássaro à noite está associado “às almas do outro

mundo, às almas dos mortos que vem gemer durante a noite perto de sua antiga morada” (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 689).

A vida, nesse contexto, é medida não apenas pelo calendário, mas pela essência que escapa à quantificação: “Quem te mediu a essência?” (Aizim, 1974, p. 15). A esperança do sujeito liminar concentra-se na aceitação da imperfeição humana como transparência ética: “[...] na transparência perfeita/ da humana imperfeição” (Aizim, 1974, p. 47).

Nesse contexto, a “Canção nº 4” embala o indivíduo sem pátria a refletir sua condição marginal, uma vez que

Um certo mar me arrasta
e transgride além das pedras
sem memória. Flutuamos leves.
Há um certo mar além do que existe.
Há um certo mar que não acaba
nem vago vaga. De tão fundo
o mar não ousa. O mar ao mar
murmura amor, nome.
Sob o nome a água
que a tua boca proibida
atentamente bebe (Aizim, 1974, p. 84).

O mar é “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos e transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, [...] um estado transitório, [...] o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem do morto” (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 593). Nos reinos longínquos de sua origem, a poetisa (re) sente a dor da distância da pátria primeira e denuncia no poema sua experimentação em novo ambiente, lar que adotou transitoriamente. Em outras palavras, a imagem do mar é via de mão dupla, é a imagem do ser ambíguo da poetisa, pois a condiciona transitar entre o lembrar e o esquecer, memórias de um tempo marcado na história pelo nefasto período do Holocausto e, além disso, o mar é a razão pela qual, simbolicamente, se concede a vida e a subtrai, pois é criação divina e também está associado ao mundo e ao coração humano como lugar das paixões e navegações. Logo, o mar, em “Canção nº 4”, sintetiza essa condição ambígua de origem e dissolução, vida e morte, lembrança e esquecimento.

As memórias poéticas de *Alma pastora das coisas* mobilizam, assim, o mito da unidade perdida e inscrevem a experiência migrante como busca contínua por pertencimento. A travessia ritual, sobretudo o rito de margem, torna-se condição necessária

para a transformação identitária do sujeito. A figura do judeu, longe de ser permanente, reinventa-se na mobilidade, na pluralidade linguística e cultural.

Dessa maneira, a poesia de Aizim se apresenta como rito de passagem, onde a memória, a tradição e o imaginário simbólico se entrelaçam, e o sujeito marginal reinventa-se, transcende fronteiras culturais e temporais e tece, como pastora e tecedeira, a trama do “largo mundo que não acaba” (Aizim, 1974, p. 74), preservando a memória, a identidade e a esperança da vida em sua pluralidade e densidade.

Por fim, o elemento bíblico emerge como morada simbólica dessa errância. No encontro entre o humano e o divino, o sagrado e o profano, a poesia de Aizim constrói um espaço de vigília e reflexão, no qual a transcendência não apaga a dor, mas a reinscreve como possibilidade de sentido: “Deus era grande, eu era pequenina/ tínhamos de nos encontrar” (Aizim, 1974, p. 69). Assim, a poética de Lúcia Aizim se afirma como escritura migrante, ritual e memorial, na qual a identidade se constrói no movimento, na travessia e na permanente negociação entre mundos.

4 Conclusão

A análise da obra *Alma pastora das coisas*, de Lúcia Aizim, destaca como a literatura pode funcionar sendo espaço de mediação simbólica e memória histórica, em que o sujeito situado no rito liminar e marginal da vida constrói trajetórias de sobrevivência identitária e cultural. O percurso poético da autora revela que o judeu, embora marcado pelo trauma, pela perda e pelo desarraigamento, encontra na palavra e na metáfora instrumentos de ressignificação de seu existir, permitindo transitar entre memórias dolorosas e horizontes de esperança.

Os poemas estudados demonstram que elementos simbólicos, como a lágrima, o pássaro, o mar e a poeira, não apenas expressam a experiência subjetiva do eu-lírico, mas articulam ritos de passagem e processos de liminaridade, conforme as ideias de Zilá Bernd (2010) sobre deslocamento, diáspora e migrância. Esses símbolos capturam tanto o sofrimento e a melancolia decorrentes do exílio quanto a possibilidade de reconstrução de uma identidade híbrida e intercultural.

Além disso, a poética de Aizim se insere em um contexto de literatura transcultural, em que o encontro com o Outro e o atravessamento de fronteiras, geográficas, culturais e temporais, produzem formas híbridas de subjetividade. A poetisa atua como pastora e

tecedeira da vida, conectando memórias individuais e coletivas, traumas históricos e expectativas de futuro, reforçando a ideia de que a literatura não apenas representa o migrante, mas também dá visibilidade à pluralidade de sujeitos e à complexidade cultural.

Portanto, os poemas analisados permitem compreender que a experiência do deslocamento não se reduz à ausência ou à perda, mas envolve processos de negociação identitária e de criação simbólica, em que a literatura funciona como espaço de resistência, reinvenção e reconciliação com o passado e o presente. O sujeito literário, ao percorrer margens, fronteiras e horizontes múltiplos, revela que a diáspora não é apenas deslocamento físico, mas também ética, estética e memória em movimento. Dessa forma, *Alma pastora das coisas* se apresenta como obra paradigmática para pensar a literatura da migração, o exílio e a construção de uma identidade que, mesmo marcada pela dor e pelo trauma, encontra na palavra poética caminhos de renovação e de afirmação da vida.

Referências

AIZIM, Lúcia. *Alma pastora das coisas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

BERND, Zilá. *Memória e cultura: perspectivas transdisciplinares*. Canoas: Salles/Unilasalle, 2010.

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUINSBURG, Jacó. *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

JOSEF, Bella. Prefácio. In: AIZIM, Lúcia. *Alma pastora das coisas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio – y cinco dificultades*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edmund. *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

VELOSO, Rodrigo Felipe. Entre dois mundos: Adriana Armony, Giselda Leirner e Lúcia Aizim. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 19(37), 273-287, 2025.

VELOSO, Rodrigo Felipe. *“Sal da terra, luz do mundo”: ritos de passagem e alquimia, caminhos de transformação em Clarice Lispector*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. 149p.

WALDMAN, Berta. Alguns traços da poesia de Lúcia Aizim. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 10(18), 1-7, 2016.

WALDMAN, Berta. Uma história concisa do Holocausto na literatura brasileira. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 13(25), 20–53, 2019.

Recebido: 19/02/2026

Aprovado: 03/04/2026

Publicado: 29/07/2026